

Laelias Brasileiras - Noções, espécies e cultivo - 3

FRANCISCO MIRANDA¹

A secção *Hadrolaelia* é um grupo muito interessante dentro do gênero *Laelia*. As espécies deste grupo são bem caracterizadas pela ausência de espata floral, de modo que as flores se desenvolvem protegidas pela nova folha, quase sempre folha e flor se desenvolvendo simultaneamente. Estas plantas produzem um número relativamente pequeno de flores por broto, o que não é de admirar, levando-se em conta as pequenas dimensões destes. A regra é de 1-2 flores em cada broto, mas pelo menos em uma espécie, *Laelia sincorana*, já foram observadas 3 e até mesmo 4 flores em um mesmo broto. Vegetativamente, como já dito, as plantas são pequenas, raramente atingindo 20 cm de altura, sem flores, e normalmente isso só ocorre com uma espécie, *L. jongheana*. As flores são sempre relativamente grandes em relação ao tamanho da planta, e quase sempre muito vistosas e duráveis (comparando com outras *Laelia*).

Esta secção compreende 6 espécies atualmente aceitas, que são tratadas a seguir.

Laelia pumila

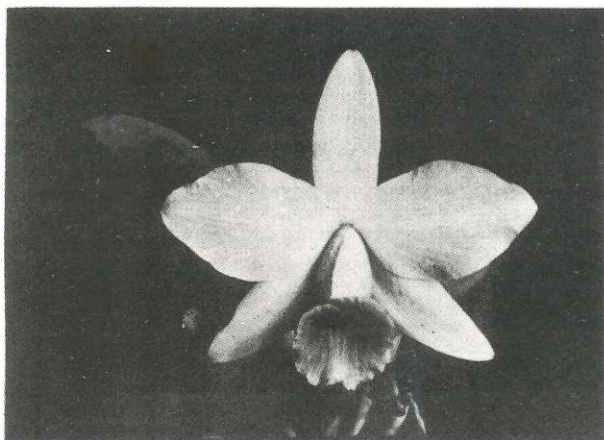
A mais conhecida espécie da secção é aqui tratada em senso estrito, isto é, independente de *L. dayana* e *L. praestans*. Atualmente, esta é a abordagem mais aceita pelos taxonomistas, mas é sempre bom mencionar que, no passado, muitas vezes podemos encontrar menção destas duas espécies como variedades de *L. pumila*. Assim, a espécie é nativa dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, mas é importante observar que muitas das citações para este último estado na verdade correspondem à *L. praestans*. É espécie de altitude média, mas algumas populações ocorrem a bem mais de 1000 m de altitude. Vegetativamente, pouco se diferencia das duas espécies próximas, de modo que sem flores é impossível ou quase separá-las. Os pseudobulbos são elíptico-alongados, mas roliços, e não achatados como nas espécies da secção *Cattleyodes*, mas raramente atingindo 10 cm de comprimento. São encimados por uma única folha oblongo-lanceolada, distintamente em forma de canaleta, carnosa, sem nervuras nítidas, o que inclusive caracteriza o gênero (esse tipo de nervação "invisível"). Estas folhas também raramente ultrapassam 10 cm de comprimento. As flores são muito vistosas, geralmente róseas em vários tons com la belo mais escuro. Flores com mais de 13 cm de largura total já foram observadas. As sépalas geralmente formam um triângulo perfeito, entretanto, com exceção dos melhores clones, geralmente apresentam-se algo reflexas. As pétalas são elíptico-lanceoladas, em alguns casos quase redondas, nos bons clones dispendo-se planas. O labelo é tubular, envolvendo totalmente a coluna, e não é nitidamente trilobado, com suas porções laterais se tocando quase sempre perfeitamente fechando o tubo. A porção frontal do labelo é geralmente roxa e bem mais escura do que o restante da flor, produzindo belo contraste. O efeito é de um anel mais escuro na borda do labelo. O interior do labelo é branco, e geralmente na área onde estas cores se encontram aparecem 3-7 dentes achatados lateralmente e paralelos, como se fossem quilhas reduzidas. A época de floração geralmente vai de janeiro a abril. Com relação às variedades hortícolas, mais corretamente formas de cor, podemos citar *alba*, com

¹Av. Edison Passos, 4490, Alto da Boa Vista 20531, Rio de Janeiro.

flores inteiramente brancas; *semi-alba*, apenas com o labelo colorido; *delicata*, com flores brancas e colorido róseo claro no labelo; e *coerulea*, com tons róseo-azulados nos segmentos e labelo roxo-ago muito escuro.

Laelia praestans

Uma das espécies previamente consideradas como variedade de *L. pumila*, a presente bem se caracteriza. A coloração básica das flores, é, como dito, a mesma, assim como o porte vegetativo. Entretanto, no labelo encontramos diferenças básicas. Em *L. praestans*, o labelo é igualmente tubular, mas uma das laterais sempre passa por cima da outra, dando ao labelo um efeito de "cartucho". Olhando-se o labelo de perfil, temos que na presente espécie ele não é retilíneo, antes apresenta-se um tanto sigmóide, formando algo como uma "barriga". Em termos de coloração, outra diferença fundamental: o tubo é sempre amarelo a alaranjado, ao invés de branco, como na espécie anterior, além da coloração roxa da porção frontal não ser tão contrastante. A diferença final é que nesta espécie estão ausentes os "dentes" no labelo, sendo este totalmente liso, ou melhor, com algumas cristas bem pouco nítidas no fundo do labelo. A espécie é nativa do estado do Espírito Santo, e citações para outros estados certamente são referentes às outras espécies próximas. A altitude em seu habitat é média, algo entre 600-1000 m. Com relação a variedades, muito pouco se sabe, achamos mesmo que citações dizem respeito na verdade a outras espécies. Sua época de floração é março-abril.



Laelia praestans 'estrela'

Laelia dayana

Outra das "pumilas". Esta espécie é ainda mais característica do que a anterior, e é muito bem conhecida por suas "qualidades", entre os orquidófilos. Vegetativamente, é indistinta das duas anteriores. Entretanto, suas flores são bem distintas. A coloração básica é a mesma, mas o que chama a atenção é a disposição das pétalas e sépalas, sempre (com exceção de raríssimos clones) fortemente enroladas para trás. Além dessa característica, de efeito de vastador para o conceito da espécie entre os orquidófilos, as pétalas são mais estreitas que as das espécies próximas (as duas anteriormente tratadas).

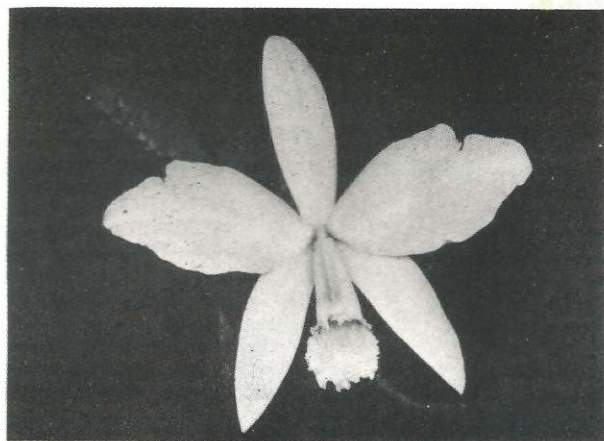
O labelo é a porção mais vistosa das flores da espécie, e neste aspecto esta espécie suplanta as duas anteriores. O labelo é maior e bem aberto. O colorido de seu tubo é branco, mas a porção frontal, como dito, bem aberta, é fortemente venulado de roxo, o que produz magnífico contraste. A espécie é nativa somente do estado do Rio de Janeiro, e sua época de floração é a primeira no ano entre as "pumilas", a saber, entre janeiro e março.

Laelia sincorana

Aqui temos mais uma espécie com flores semelhantes às da *L. pumila*. Entretanto, as plantas são completamente diferentes. Estas diferenças vegetativas podem ser muito bem explicadas como adaptação às adversas condições de seu habitat. A espécie é nativa da serra do Sincorã, no estado da Bahia, e esta região não possui umidade atmosférica alta por todo o ano, sendo mesmo caracterizada por uma marcada estação seca, que pode chegar a seis meses. Além do mais, ao contrário das 3 espécies anteriormente mencionadas, esta espécie está sujeita a muita insolação, quando vive sobre os troncos de *Vellozia* ou mesmo sobre pedras, enquanto que as outras 3 vivem na mata. Desta maneira, é fácil de se entender como as plantas possuem este porte atarracado, com pseudobulbos redondos ou quase e folhas idem, bastante carnosas e acanoadas. Apesar destas características estarem de certa forma fixadas através de gerações e gerações, que elas são reflexo das condições no habitat é fácil de provar. Tente-se cultivar uma *L. sincorana* à sombra ou mesmo com luminosidade inferior à do habitat natural, e o resultado será um novo broto, que dificilmente florirá, com aparência que se não é a de uma *L. pumila*, é algo intermediário entre o normal para as duas espécies. As flores, como dito, são semelhantes às de uma *L. pumila*, mas as pétalas são geralmente bem mais estreitas (em alguns bons clones, as pétalas podem até ser bem largas, mas nunca redondas como as das melhores *L. pumila* ou *L. praestans*). O labelo também é algo diferente, mas estas diferenças são mais restritas a colorido e ao fato das porções laterais formarem como "orelhas", o que dá ao labelo um aspecto um tanto mais para quadrado. Flores de até 13 cm já foram observadas, e quanto às variedades, temos *alba*, *semi-alba*, *coerulea*, e *concolor*. A espécie, como já dito, é nativa do estado da Bahia, e sua época de floração é entre setembro e dezembro. Em seu habitat, observações já foram feitas sobre as variações de época de floração relacionadas à duração da estação seca. Estas observações são creditadas principalmente a orquídifilos do Espírito Santo e de São Paulo.

Laelia jongheana

Esta espécie já é completamente diferente das anteriores. Para começar, é a mais rara do grupo, com exceção talvez da seguinte, tendo mesmo sido incluída no grupo das dez espécies de orquídeas proibidas de serem importadas ou exportadas (no Brasil, apenas a *Laelia lobata* completa o grupo). É nativa do estado de Minas Gerais, e na verdade pouco se sabe sobre seu habitat. Com relação à planta, é algo diferente das anteriores, assemelhando-se a uma *L. pumila* mais robusta e mais rústica, também com as folhas mais ponteadas. As flores aparecem quase sempre isoladamente, raro em pares, e são as maiores da secção, chegando a atingir mais de 15 cm de largura total. A forma destas flores é bem diferente das demais, a começar pela disposição das sépalas laterais, que quase sempre são muito "garfadas", chegando mesmo às vezes a se tocar. As pétalas chegam às vezes a ser bem largas, mas nunca perto de redondas, e todos estes segmentos têm colorido róseo. O labelo é muito diferente do das anteriores. É proporcionalmente muito pequeno com relação ao restante da flor, e as porções laterais muitas vezes não se tocam, desta forma expondo a coluna. A porção frontal é normalmente rósea, mas o mais interessante é a região mediana do labelo, orlada de quilhas irregulares longitudinais, paralelas e carnosas, sendo que toda esta porção apresenta colorido dourado. Sua época de floração é o inverno.



Laelia jongheana 'Boa Vista'

Laelia alaorii

É a espécie mais recentemente descrita da secção, sendo também a de menor porte, raramente passando dos 6 cm de altura total, e desta forma mais parecendo uma *Sophronitis*. Vegetativamente, é algo intermediário entre uma *L. sincorana* e uma *L. pumila*, guardadas, é claro, as proporções. As flores são as menores do grupo, raramente ultrapassando 4 cm de largura, já que, além de serem pequenas, na maior parte das vezes pouco se abrem. O colorido das flores é róseo, geralmente claro, incluindo o labelo, e desta forma grande parte dos clones tem aparência de "concolor". Exceção é feita ao tubo do labelo, amarelo. A raridade ou não desta planta em seu habitat é muito discutível. Alguns a consideram rara pela destruição de seu habitat, as florestas da mata atlântica baiana na faixa de 100-200 msm, o que sem dúvida faz sentido. Outros consideram que, na verdade, o habitat da espécie não está bem conhecido, e grandes populações serão descobertas no futuro. Outros ainda acham que a espécie não é tão rara assim, o que ocorre é que as plantas são tão pequenas e vivem em árvores tão altas, que é totalmente impossível de serem vistas do solo. Enfim, a espécie é pouco difundida em cultivo, e pouco se sabe sobre seu modo de vida.

Cultivo

O cultivo destas plantas pode ser analisado a partir de algumas observações. Primeiro, é fácil deduzirmos o período de crescimento e floração destas plantas, pois estes aspectos estão intimamente ligados. Aqui, não temos problemas como na secção *Cattleyodes*, onde algumas espécies produzem o broto com espata para florir meses depois. Crescimento aqui quer dizer floração! Após a floração, temos o repouso, e desta forma já entendemos o ciclo anual destas plantas.

O pouco que foi dito sobre o modo de vida das espécies também é a chave para cultivá-las. Com exceção de *L. sincorana*, todas as espécies podem ser cultivadas junto com a média das espécies e híbridos de *Cattleya*, com relação à luz. Para *L. sincorana*, as condições como para *L. purpurata* e *L. lobata* são satisfatórias. Com relação à temperatura, algo mais deve ser dito. Com exceção de *L. alacris*, todas as espécies estão sujeitas, em seu habitat, a uma temperatura amena ou fria, pelo menos durante parte do ano. As espécies sujeitas a mais frio durante o inverno, no habitat, são *L. jongheana*, *L. dayana* e *L. pumila*. Entretanto, para estas 5 espécies, o cultivo em locais onde a temperatura vá, no inverno, a um mínimo de 5-10°C, e a um máximo, no verão, de 35°C, é satisfatório. Temperaturas mais amenas no verão são ainda melhores. Para *L. alacris* não é aconselhável deixar a temperatura cair tanto no inverno. Boa ventilação é também sempre bem-vinda, e com relação às regas, devem ser copiosas na primavera e verão, e bastante diminuídas no inverno, até mesmo para *L. jongheana*, que termina o desenvolvimento de seu novo broto em fins de outono.

Com relação ao substrato, podemos dizer que estas plantas preferem ser cultivadas em tocos ou placas ao invés de vasos, com exceção talvez de *L. sincorana*, que gosta de pequenos vasos. As espécies que em seu habitat habitam árvores de casca rugosa em matas baixas mais abertas, como *L. jongheana* e *L. pumila*, crescem muito bem em tocos de corticeira, enquanto *L. dayana* e *L. praestans* vão bem em tocos de fibra de xaxim. Mas isso quando temos alta umidade atmosférica, pois se não for o caso, devemos cultivar todas as espécies em tocos de xaxim.

CONTEÚDO DO PRÓXIMO NÚMERO

No primeiro número deste segundo ano da Revista Orquidário, teremos a continuação das Laelias Brasileiras, com a abordagem de espécies com flores róseas da seção Parviflorae, um grupo numeroso. Carlos Eduardo Brito Pereira começa uma seção dedicada inteiramente aos Oncídeos, abordando diversos aspectos deste gênero tão ornamental e rico em espécies brasileiras. Osmar Júdice tece comentários sobre John Lindley, figura maior da orquidologia, que viveu no século passado. Ainda, Érico de Freitas Machado faz comentários externando sua opinião sobre orquídeas capixabas.